



## **A Contribuição Feminina no Empreendedorismo no Brasil: Uma perspectiva regional**

**Samanda Silva da Rosa  
Igor Serpa Moraes  
Gabrielito Rauter Menezes**

### **Resumo**

O objetivo deste artigo é avaliar as características socioeconômicas e geográficas que determinam o perfil da mulher empreendedora nas cinco regiões brasileiras. A partir, da base de dados da Pesquisa Nacional por Amostra por Domicílios (PNAD) do ano de 2015, a estratégia empírica adotada foi o modelo de probabilidade com distribuição normal *probit*. Os resultados demonstraram que existem efeitos estatisticamente significativos para as variáveis: anos de estudos, raça, idade, estado civil, chefe de família, renda de aluguel, se reside em área urbana, se reside em metrópole assim como pensionista e aposentado. Assim, o estudo evidência que cada região brasileira, dada a sua heterogeneidade, possui características diferentes quanto a probabilidades com relação aos condicionantes do empreendedorismo feminino.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo, Economia Regional, Modelos de Escolha Discreta.

### **1 Introdução**

O objetivo geral deste trabalho é avaliar os efeitos de variáveis socioeconômicas, demográficas e geográficas, sobre a decisão das mulheres em se tornar empreendedoras nas cinco regiões brasileiras. Para tanto, utilizou-se um modelo de probabilidade com distribuição normal *probit*. E a base de dados foi da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) para o ano de 2015, a qual é a base mais atual no momento em que foi realizado este estudo.

Empreendedorismo é um do tema relevante da “Sociedade do Conhecimento”. De acordo com Everes (2001), “Sociedade do Conhecimento”, significa que, o conhecimento está acima do capital e da força de trabalho, ou seja, é o principal fator de produção, além de ser um elemento que vai além da cadeia produtiva.

No que diz respeito às mulheres, elas desempenham um papel socioeconômico relevante nas sociedades. Contribuindo a maior parte da força de trabalho em vários continentes. No continente Europeu e na América do Norte, a percentagem de mulheres economicamente ativas é de 77% (OIT, 1997). No Brasil, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2011, a percentagem de mulheres economicamente ativas é de 25,97%.

Segundo dados da pesquisa *Global Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 2014, no Brasil o montante de mulheres empreendedoras nas fases iniciais do negócio, é



maior que os homens. Assim, nas fases iniciais os homens representam 48,8% dos negócios e as mulheres a 51,2%. No que diz respeito a empreendimentos consolidados, no que lhe concerne, os homens são responsáveis por 54,9% e 45,1% do total dos negócios brasileiros.

A inserção das mulheres é crescente no mercado de trabalho e, em virtude disso, o aumento do número de empreendedoras é uma das consequências. Assim, nas duas últimas décadas se ampliou a necessidade de pesquisas sobre o exercício do papel feminino no segmento do empreendedorismo (OECD, 2000). De acordo com Allen e Truman (1993), na Europa, mais especificamente na Alemanha e na Dinamarca a cada três empresas criadas uma era iniciada por mulheres no ano de 1993. Já na França esse valor era de uma a cada quatro empresas criadas, eram por mulheres. Em outros países da Europa como Grécia, Espanha, Itália, Irlanda e Reino Unido, eram de uma a cada cinco empresas, criadas por mulheres.

No primeiro seminário sobre mulheres empreendedoras, promovido pela OECD, em 1998, foi abordada a relevância das mulheres à frente de pequenas empresas. Elas representam mais da metade da população mundial e o número de empresas que têm criado só cresce. Essas pequenas e médias empresas criadas pelas mulheres contribuem como uma fonte importante de empregos, inovação e desenvolvimento econômico. Destacando três pontos que expressam a importância do empreendedorismo feminino: econômico o qual está gerando ocupações para elas e para outras pessoas; social possibilitando o equilíbrio trabalho e família; e político que está relacionado desenvolvimento da sua autonomia.

Com este propósito, o estudo foi estruturado em cinco seções iniciando-se por esta introdução. Na segunda seção apresenta-se o estado da arte sobre a economia do empreendedorismo, a qual sustenta a base teórica deste estudo. A seção três, os dados e os procedimentos metodológicos adotados são expostos. Na quarta seção são apresentados e discutidos os resultados e põr fim às considerações finais do presente estudo.

## 2 Referencial Teórico

A grande maioria das pesquisas sobre empreendedorismo feminino foi realizada nos países desenvolvidos (NASER et al., 2012). E como regra, as mulheres iniciam com pequenas empresas com poucos funcionários (MORRIS et al., 2006).



Com relação às razões que determinam o estabelecimento de empresas por mulheres, Naser et al. (2012) classificaram as razões em fatores pessoais. As motivações para o desenvolvimento de auto-negócios são motivados pelo lucro, dado que eles podem garantir o capital inicial. Finalmente, o estudo aponta que vinculações religiosas, juntamente com as responsabilidades familiares, influenciam suas decisões de se tornarem empreendedoras.

Motivações para as mulheres empreender foram destacadas pelo desejo de desenvolver a capacidade pessoal por Fernandez et al. (2014) e Morris et al. (2006). A independência financeira e materialização de uma oportunidade de negócios foi destacada por Vale et al. (2014). As mulheres também podem ser motivadas por ganhar dinheiro para empreender segundo Naser et al. (2012) e Zanakis et al. (2012). Uma vez que desejam ter muito dinheiro, como no caso de pessoas ambiciosas, como abordado por Hermans et al. (2012). Ou para melhorar seu poder de compra destacado por Beyda e Casado (2011) e Fernandez et al. (2014). Além disso, a independência financeira e a tendência para enfrentar desafios também são motivos para o estabelecimento de empresas por mulheres (FERNANDEZ et al., 2014; ZANAKIS et al., 2012).

Entretanto, como expõem Zanakis et al. (2012), o empreendedorismo feminino tem alguns obstáculos dentre eles: a falta de apoio familiar segundo e a dificuldade em conciliar o trabalho e a família, onde até mesmo uma pequena empresa requer elevadas horas de trabalho. De acordo com Winn (2005), o trabalho e a família se complementam mutuamente para os homens, contudo gera uma certa dificuldades para as mulheres devido à pressão familiar. De modo que, as mulheres enfrentam obstáculos ao empreender, especialmente para aqueles com crianças pequenas (MATHEW, 2010). Neste contexto, Greene et al. (2003) salientam que as mulheres têm escasso acesso à rede de negócios, menos contato com outras empresas e pouca informação sobre as empresas quando comparado aos homens.

Ao empreender, as mulheres se deparam com outras dificuldades associadas à habilidade empreendedora. Como por exemplo, a falta de experiência em gestão e treinamento, uma dificuldade enfrentada por homens e mulheres empreendedores, particularmente um conhecimento escasso sobre os planos de negócios e leis específicas para a criação de empresas (ZANAKIS et al., 2012).

Destaca-se também os fatores associados ao crédito como fonte de capital



inicial para empreender estão entre as dificuldades para o estabelecimento de empresas (MATHEW, 2010; RODRIGUEZ; JAVIER, 2009; WINN, 2005). Para os autores como Roper e Scott (2009), as mulheres têm maior dificuldade em obter crédito do que os homens. Nesta direção, estudos identificaram obstáculos no acesso ao crédito e taxas de lucros menores para as mulheres (DU REITZ; HENREKSON, 2000; GREENE et al., 2003). Mulheres ainda enfrentam dificuldades em razão do viés de gênero, uma vez que as mesmas são consideradas sensíveis, dóceis, fracas e sem a capacidade de trabalhar dentro de um ambiente empresarial (GRAY; FINLEY-HERVEY, 2005; WELTER; SMALLBONE, 2008).

### 3 Métodos de Investigação

Nesta seção trataremos dos métodos de investigação usados para a identificação e análise dos condicionantes do empreendedorismo regional no Brasil. Inicia-se com a exposição da metodologia utilizada e em seguida é descrita a base de dados e seus respectivos tratamentos.

#### 3.1. Modelos de escolha discreta

Segundo Gujarati e Porter (2011), o modelo *probit* tem sua base na teoria da utilidade ou na perspectiva da escolha racional desenvolvida por McFadden (1973). De acordo, com a probabilidade de um evento ocorrer,  $P(y = 1 | x)$ , há dependência do índice de utilidade não observável  $I_i$  que também pode ser chamado de variável latente. Quanto maior o valor calculado para o índice de utilidade, maior a probabilidade de o evento ocorrer. Como demonstrado na equação abaixo:

$$I_i = \beta_1 + \beta_2 X_i \quad (1)$$

[...] é razoável supor que há um nível crítico ou limiar do índice, que chamamos de  $I_i^*$ , tal que, se  $I_i$  exceder  $I_i^*$ , a família terá uma casa, caso contrário, não terá. O limiar  $I_i^*$ , como  $I_i$ , não é observável, mas, se supusermos que ele se distribui normalmente com a mesma média e variância, é possível não apenas estimar os parâmetros do índice dado, mas obter algumas informações sobre o próprio índice não observável (GUJARATI; PORTER, 2011, p. 563).

A probabilidade de que  $I_i$  seja maior ou igual  $I_i^*$  pode ser calculada a partir da função de distribuição acumulada (FDA) normal padronizada.

$$P_i = P(Y = 1|X) = P(I_i^* \leq I_i) = P(Z_i \leq \beta_1 + \beta_2 X_i) = F(\beta_1 + \beta_2 X_i) \quad (2)$$

onde:  $Z_i$  é a variável normal padrão, ou seja,  $Z \sim N(0, \sigma^2)$ .

Nesta perspectiva, a distribuição acumulada é dada por:

$$F(I_i) = \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \int_{-\infty}^{I_i} e^{-z^2/2} dz \quad (3)$$

$$= \frac{1}{\sqrt{2\pi}} \int_{-\infty}^{\beta_1 + \beta_2 X_i} e^{-z^2/2} dz \quad (4)$$

Cuja a probabilidade de ocorrer o evento, no caso, ser mulher e empreendedora, é dada pela área da curva normal padrão de  $-\infty$  a  $I_i$ .

Ao utilizar inverso da equação anterior, obtêm-se informações sobre  $I_i$ , bem como sobre  $\beta_1$  e  $\beta_2$ :

$$I_i = F^{-1}(I_i) = F^{-1}(P_i) \quad (5)$$

$$= \beta_1 + \beta_2 X_i \quad (6)$$

O modelo é estimado utilizando-se o procedimento de máxima verossimilhança. O mesmo seleciona estimativas dos parâmetros desconhecidos de modo a maximizar o valor da função de máxima verossimilhança. A função de máxima verossimilhança do modelo *probit* é dada por:

$$\mathcal{L} = \prod \Phi^{ni} = 1(\beta' W_i \sigma) z_i [1 - \Phi(\beta' W_i \sigma)]^{1 - z_i} \quad (7)$$

onde  $\Phi(\cdot)$  é a função de distribuição acumulativa;

Como os coeficientes estimados a partir do estimador de máxima verossimilhança não permitem uma interpretação direta, será estimado também o efeito marginal médio, com o intuito de gerar uma melhor discussão. O benefício dos efeitos marginais médios é o fato de permitir a análise das implicações quantitativas sobre os coeficientes estimados. Neste caso, o efeito marginal é dado pela seguinte expressão:

$$\partial E((z|w) \partial w) = \phi(W_i \beta) \beta \quad (8)$$

No qual,  $W_i \beta$  representa o vetor de coeficientes multiplicado por um vetor que contenha valores para as variáveis dependentes. Os parâmetros estimados pelo





método da máxima verossimilhança são consistentes, assintoticamente normais e eficientes.

Este trabalho utilizou o método da Máxima Pseudo-Verossimilhança (MPV)<sup>1</sup> em função de trabalhar com um plano amostral complexo, neste caso em específico a PNAD. Pois segundo Binder (1983) incorpora estratificação, conglomeração, probabilidades desiguais de seleção e ajustes de pesos amostrais para calibração com os totais populacionais.

O método de MPV permite estimativas plausíveis e, além do que, é simples de calcular em ambos os casos, ou seja, ao calcular os estimadores e também as variâncias dos estimadores dos parâmetros. O mesmo oferece suporte para o desenvolvimento de rotinas que permitem incorporar adequadamente os efeitos de planos amostrais complexos a partir de *softwares* como Stata, SAS, dentre outros (BATTISTI, 2008).

É importante analisar a qualidade do ajustamento do modelo que foi estimado. Nesta tarefa, verificam-se de forma associada e de forma individual as variáveis, utiliza-se a base teórica e os testes estatísticos para determinar as variáveis no modelo.

A partir dos níveis de significância dos parâmetros estimados do modelo, é possível a sua avaliação, com base na estatística Wald (WOOLDRIDGE, 2006). Semelhante à estatística *t* dos mínimos quadrados ordinários, onde se testa a hipótese nula de que cada coeficiente associado às variáveis é estatisticamente diferente de zero (GREENE, 2003).

### 3.2 Base de dados e tratamentos

A base de dados utilizada será obtida a partir da Pesquisa Nacional de Amostra e Domicílios de 2015 (PNAD-2015). A escolha se deu pelo fato de ser à base de dados mais atual disponível no período da pesquisa. Para iniciar o trabalho, foram necessários alguns tratamentos na amostra: exclusão de indivíduos sem observações de renda, com salários menores que R\$ 394,00 e maiores que R\$ 50.000,00, a faixa etária abordada pelo trabalho será entre 15 e 90 anos. Fez-se necessário esse recorte para excluir indivíduos que não têm condições de estar inseridos no mercado de

---

<sup>1</sup> Para detalhes da MPV ver Pessoa (2002).



trabalho.

Segundo Buera (2003, 2008), empreendedor é o indivíduo que utiliza seu capital social e investe seu trabalho para produzir um produto através de determinada tecnologia específica. De acordo com o economista Joseph Alöis Schumpeter (1883-1950), o agente empreendedor “não é um cientista criando uma nova invenção, mas é quem utiliza novos meios de produção de maneira inovadora, mais vantajosa” (DROUIN, 2008).

No presente trabalho, o conceito de empreendedorismo feminino adotado, será composto por empregadoras e autônomas. A variável de pendente  $Y_i$  “empreendedora” assume o valor de um se o indivíduo for empreendedora e zero caso contrário; essa variável foi criada a partir da posição de ocupação das mulheres economicamente ativas.

De modo que, tanto as empregadoras quanto as trabalhadoras por conta própria estão inseridos na variável dependente. Sendo assim, o objetivo geral é explicar através do modelo *probit*, quais são as características sociais, geográficas e econômicas que levam as mulheres a optar pela carreira empreendedora, neste caso as trabalhadoras que não dependem de empregadores. As variáveis independentes escolhidas, ou seja, as características socioeconômicas e demográficas utilizadas para explicar a variável dependente “ $Y_i$ ”, foram selecionadas com base no estudo de Menezes et al. (2015), com a finalidade de obter efeitos comparativos. Portanto, as variáveis independentes utilizadas são: sexo, raça, idade, idade ao quadrado, *dummies* para escolaridade, estado civil, se é chefe de família, número de filhos, pensionista, aposentado, renda de aluguel, outras rendas, se reside em área urbana ou agrícola e se é morador de metrópole. A tabela com as estatísticas descritivas das variáveis utilizadas é apresentada no anexo.

A tabela 1 apresenta de forma resumida a amostra por ocupação das mulheres no Brasil, distribuída pelas grandes regiões. Nota-se, que das 10.351 empreendedoras presentes na amostra utilizada, 32% encontram-se no Sudeste, 22% no Nordeste, 17% no Sul, 18% no Norte e 12% no Centro-Oeste do país. Com relação as assalariadas são 38.363 indivíduos, dos quais 36% estão no Sudeste, 22% no Nordeste, 19% no Sul, 11% na região Norte e 12% no Centro-Oeste do país. Além disso, pode-se notar que a razão entre empreendedoras e assalariadas são maiores no Sul e no Centro-Oeste do Brasil com relação às demais regiões. Em contraponto a



isto, se têm que a razão entre empregadores e autônomos é menor na região Sudeste em comparação com as demais regiões. Esse fato corrobora com o argumento de Sluis et al. (2005), de que as regiões apresentam um alto grau de empreendedorismo por necessidade.

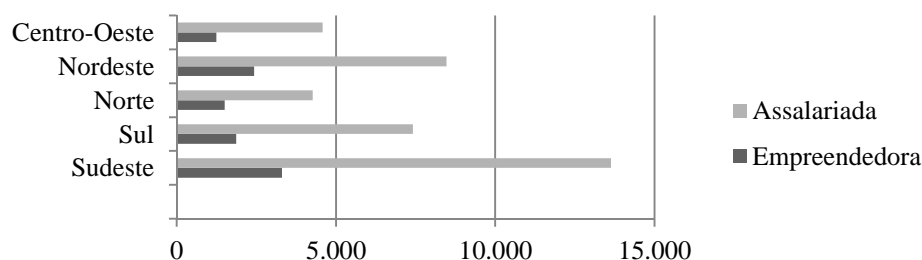
TABELA 1 – Número e percentual das mulheres da amostra por ocupação no Brasil

Região	Nº obs.	Empreendedora	Autônoma	Empregadora	Assalariada	Razão (E/A)
Sudeste	16.939	3.304	2.797	507	13.635	0,037
Sul	9.282	1.867	1.519	348	7.415	0,047
Norte	5.767	1.502	1.341	161	4.265	0,038
Nordeste	10.897	2.432	2.102	330	8.465	0,039
Centro-Oeste	5.829	1.246	1.032	214	4.583	0,047
<b>Total</b>	<b>48.714</b>	<b>10.351</b>	<b>8.791</b>	<b>1560</b>	<b>38.363</b>	<b>0,041</b>

Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

Na sequência, o gráfico 1 apresenta a distribuição da escolha ocupacional por região, de modo que pode-se comprar a proporção de empreendedoras e assalariadas por região.

Gráfico 1 – Escolha ocupacional por região



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.





Com base nas informações obtidas através do banco de dados da PNAD (2015). O gráfico 1, indica que na região Sudeste e Sul 20% das mulheres que são economicamente ativas e empreendedoras, sendo que empreendedoras são considerados tanto as autônomas como as empregadoras, no Norte 26%, no Nordeste 22% e no Centro-Oeste 21%. Para o Brasil, 21% das mulheres são empreendedoras. Esses resultados estão de acordo com os encontrados por Menezes et al. (2015); Camargo Neto et al. (2016) que aborda os determinantes do empreendedorismo no Brasil.

## Resultados

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos através da estimação dos modelos binários *probit*, para cada região do Brasil, que apresentam coeficientes cuja interpretação analisa apenas o seu sinal, portanto, com a intenção de gerar informações adicionais, serão analisados os efeitos marginais das regressões. De modo geral, tem-se que os modelos apresentaram um bom ajustamento, já que por meio da tabela de classificação preditiva obteve-se que o ajustamento dos modelos 1, 2, 3, 4 e 5 podem prever corretamente 80,60%, 80,36%, 74,79%, 78,28% e 78,92% dos eventos, respectivamente. Portanto, a seguir a tabela 2 que indica os resultados para a região Sudeste, e na sequência os comentários.



TABELA 2 - Condicionantes do empreendedorismo feminino para região Sudeste.

Variáveis	Probit Modelo I	
	Coefficiente	Efeito Marginal
Raça	0.1232*** (0.0253)	0.0316*** (0.0065)
Idade	0.0370*** (0.0062)	0.0095*** (0.0016)
Idade2	-0.0001* (0.0001)	-0.0000* (0.0000)
Fund1	-0.3096*** (0.0562)	-0.0795*** (0.0144)
Fund2	-0.2125*** (0.0401)	-0.0546*** (0.0102)
Médio	-0.0382 (0.0367)	-0.0098 (0.0094)
Superior	0.0767** (0.0320)	0.0197** (0.0082)
Estado civil	-0.0513 (0.0628)	-0.0132 (0.0161)
Chefe	0.0559** (0.0253)	0.0144** (0.0065)
Nº Filhos	0.0255** (0.0129)	0.0065** (0.0033)
Pensionista	0.1271* (0.0688)	0.0326* (0.0177)
Aposentado	0.0268 (0.0720)	0.0069 (0.0185)
Renda outro	0.0006 (0.0528)	0.0002 (0.0136)
Renda Aluguel	0.5547*** (0.1196)	0.1425*** (0.0306)
Urbana	-0.0586 (0.0688)	-0.0150 (0.0177)
Metrópole	-0.0153 (0.0256)	-0.0039 (0.0066)
Constante	-2.1491*** (0.1362)	
Observações	16,939	
Log-verossimilhança	-7912,443	
Teste de Wald	$\chi^2 = 892,796$	
Classificação preditiva	80,60%	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015. OBS: Os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. \*parâmetros significativos à 10%; \*\*parâmetros significativos à 5%; \*\*\*parâmetros significativos à 1%.

A partir dos resultados extraídos do efeito marginal do modelo *probit*, sobre os condicionantes do empreendedorismo feminino na região Sudeste é possível destacar



que em relação à raça, as mulheres de cor branca apresentam 3,1% mais chance de se tornarem empreendedoras, em comparação às demais raças (categoria omitida). Esse resultado está de acordo com o apresentado por Borjas e Bronars (1989) e com Clark e Drinkwater (1998).

A variável idade expressa à experiência no mercado de trabalho, conforme expõe Menezes et al. (2015). Logo, para a região Sudeste temos que um ano a mais aumenta em 0,9% a probabilidade dos indivíduos se tornarem empreendedores. O que está de acordo com os resultados propostos por Menezes et al. (2015), utilizando-se da mesma metodologia, aplicada para homens e mulheres no Brasil. Em contrapartida, a idade ao quadrado apresenta sinal negativo, o que significa que a chance de se tornar empreendedora aumenta, porém a taxas decrescentes com a idade, no entanto parcialmente. Assim como exposto por Parker (2009), onde os indivíduos são mais propensos a se tornarem empreendedores à medida que envelhecem, porém até certo limite, após desse ponto a expectativa de se tornar um empreendedor diminui conforme a idade aumenta. A diminuição na probabilidade da mulher se tornar empreendedora pode estar relacionada segundo Parker (2009), com a menor expectativa de tempo de vida que as idosas possuem para recuperar as perdas de investimento em um negócio.

Com relação à escolaridade, observa-se que na região Sudeste apenas o nível superior apresenta retornos positivos na probabilidade de as mulheres se tornarem empreendedoras. De modo que para as mulheres que possuem ensino fundamental incompleto a chance destas se tornarem empreendedoras diminui em 7,9% com relação a não possuir nenhum ano de escolaridade, para os indivíduos que possuem ensino fundamental completo a probabilidade de se tornarem empreendedoras diminui em 5,5% com relação a não ter grau de ensino. Esses resultados não corroboram com o encontrado por Menezes et al. (2015). Para as mulheres que possuem ensino médio a probabilidade de se tornarem empreendedoras diminui em 0,9%, em relação à categoria de referência. As mulheres com ensino superior aumentam as chances de se tornarem empreendedoras em 1,9%.

A posição que as mulheres ocupam na esfera familiar também afeta a escolha ocupacional, segundo os resultados obtidos. Desta forma, ser a chefe da família diminui a probabilidade da mulher se tornar uma empreendedora na região Sudeste em 1,4%, com relação a não ser chefe. Por fim, esse resultado não está de acordo



com o proposto por Lindh e Ohlsson (1996), que destaca que a família funciona como alicerce para que o indivíduo assuma os riscos de ter um negócio próprio.

Ser aposentada reflete um efeito positivo na chance dá mulher ser empreendedora na região Sudeste, na ordem de 0,6%. Bem como a renda de aluguel também apresenta um efeito positivo na probabilidade dá mulher empreender, na ordem de 14,2%. Logo, o volume de capital disponível da própria mulher pode contribuir para o começo de um empreendimento. Assim, em concordância com Blanchflower e Oswald (1998), que relatam a respeito de estudos sobre empreendedorismo que apontam para a importância empírica de restrições ao crédito, ou seja, uma forma de disponibilizar capital aos empresários, contribuindo para a realização de empreendimentos.

Por fim, na região Sudeste as mulheres que residem na zona urbana apresentam 1,5% a menos de chance, em comparação à zona rural, de ser empreendedor. Esse resultado não está de acordo com Acs et al. (2008), onde relatam que as áreas urbanas podem ter um caráter diferente em como os agentes percebem o empreendedorismo, já que percepções sobre empreendedorismo podem afetar o lado da oferta e o lado da demanda do empreendedorismo. Além disso, residir em região metropolitana reduz a probabilidade de ser empreendedor em 0,3%. Este resultado é evidente visto que em áreas metropolitanas, a decisão pelo trabalho assalariado pode ser preferível em função das condições de trabalho com remuneração mais elevadas. Resultado semelhante achado por Camargo Neto et al. (2016) para o Brasil.

A seguir a tabela 3, que apresenta os resultados das condicionantes do empreendedorismo feminino para a região Sul, em seguida faz-se os comentários.



TABELA 3 - Condicionantes do empreendedorismo feminino para região Sul.

Variáveis	Probit Modelo 2	
	Coefficiente	Efeito Marginal
Raça	0.2576*** (0.0458)	0.0664*** (0.0118)
Idade	0.0465*** (0.0092)	0.0120*** (0.0024)
Idade2	-0.0002 (0.0001)	-0.0000 (0.0000)
Fund1	-0.3199*** (0.0817)	-0.0825*** (0.0209)
Fund2	-0.2317*** (0.0497)	-0.0598*** (0.0127)
Médio	-0.0600 (0.0512)	-0.0155 (0.0132)
Superior	0.2035*** (0.0418)	0.0525*** (0.0107)
Estado civil	-0.0755 (0.0989)	-0.0195 (0.0255)
Chefe	-0.0220 (0.0393)	-0.0057 (0.0101)
Nº Filhos	0.0221 (0.0175)	0.0057 (0.0045)
Pensionista	0.2501** (0.1013)	0.0645** (0.0260)
Aposentado	-0.0189 (0.0760)	-0.0049 (0.0196)
Renda outro	-0.2649*** (0.0970)	-0.0683*** (0.0251)
Renda Aluguel	0.5496*** (0.1500)	0.1417*** (0.0385)
Urbana	-0.4521*** (0.0730)	-0.1166*** (0.0186)
Metrópole	-0.0809** (0.0362)	-0.0209** (0.0094)
Constante	-2.1781*** (0.1946)	
Observações	9,282	9,282
Log-verossimilhança	-4232,94	
Teste de Wald	$\chi^2 = 852,909$	
Classificação preditiva	80,36%	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015. OBS: Os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. \*parâmetros significativos à 10%; \*\*parâmetros significativos à 5%; \*\*\*parâmetros significativos à 1%.





Com relação à raça e a idade aumentam as chances, na região Sul, da mulher empreender. Sendo que uma mulher de cor branca tem 6,6% a mais na chance de se tornar empreendedora. Assim, os resultados com relação à raça corroboram com os resultados de Borjas e Bronars (1989) e Clark e Drinkwater (1998). Bem como um ano a mais na idade aumenta a chance da mulher empreender em 1,2%, resultado que está de acordo com Parker (2009). A idade ao quadrado representa o decréscimo após determinada idade, assim como o exposto para a região Sudeste. Na região Sul, possuir ensino fundamental completo e ensino médio diminuem a chance de uma mulher se tornar empreendedora em relação a não ter instrução, em 5,9% e 1,5% respectivamente, esses resultados não convergem com o encontrado por Menezes et al. (2015). Destacando a importância da educação para os rendimentos quando se opta por empreender. Assim como ter ensino superior, aumenta a chance de ser empreendedora em 5,25%. Assim, com relação a escolaridade, é possível verificar que para a o Sul do Brasil os resultados corroboram com o destacado por Blanchflower (2000), onde os indivíduos mais educados possuem alta probabilidade de se tornarem empreendedores.

A posição de ocupação na família, ser chefe na região Sul diminui a probabilidade da mulher ter seu próprio negócio em 0,5%. O que diverge com Lindh e Ohlsson (1996). Além disso, ter uma renda de aluguel aumenta a chance em 14,17%, o que diverge com Blanchflower e Oswald (1998). Ser casado reduz a chance da mulher empreender em 1,9%.

Com relação aos aspectos regionais, residir em área urbana na região Sul reduz a probabilidade de a mulher ter um negócio próprio em 11,6%. Divergindo do estudo de Acs et al. (2008), no entanto corrobora com os resultados encontrados por Menezes et al. (2015). Além disso, residir em uma metrópole na região Sul reduz a chance de ser empreendedor em 2,1%, o que converge com o resultado proposto por Menezes et al. (2015). Demonstrando que nessas regiões o benefício do trabalho assalariado é maior que a utilidade de ser um empreendedor. Esses resultados convergem com os trabalhos de Krugman (1991), o qual salienta a atribuição da geografia econômica na indicação dos resultados econômicos. Assim como Tamvada (2007), onde sobressai a magnitude da localização do indivíduo como determinante para o empreendedorismo.

A seguir a tabela 4, que representa as informações sobre os determinantes do



empreendedorismo feminino na região Norte. Como observa-se nesta região a idade também aumenta a probabilidade da mulher empreender em 0,95%, no entanto existe um ponto em que a idade deixa de contribuir com um aumento na probabilidade e passa a reduzir, como mostra a variável idade ao quadrado com sinal negativo. Estes resultados corroboram com a literatura já citada para as regiões Sudeste e Sul.

Com relação a escolaridade na região Norte, pode-se dizer que apenas o ensino superior aumenta as chances de a mulher ter um negócio próprio. Possuir ensino fundamental incompleto, ensino fundamental completo e ensino médio diminuem a probabilidade da mulher ser empreendedora em 7,9%, 5,4% e 0,9% com relação a não ter estudo indicando que mulheres com menor instrução preferem o trabalho assalariado. Segundo Menezes et al. (2015) fica evidente a relevância da educação para os rendimentos quando se opta pelo empreendedorismo.

Contudo, possuir ensino superior aumenta a chance de ter um negócio próprio em 1,9%. Estes resultados estão de acordo com o estudo de Blanchflower (2000), em que indivíduos mais educados possuem alta probabilidade de empreender. De acordo com Lages (2005) apesar de a escolaridade das mulheres em comparação aos homens ser mais elevada, na maioria dos casos a remuneração para funções iguais tende a ser menor. Corroborando com a inserção das mulheres no mercado de trabalho como empreendedoras. Pessoas com mais acesso à educação possuem maiores rendimentos em suas atividades, conseguem administrar melhor seu negócio e incentiva, seus funcionários a investir nos estudos.

Ser a chefe da família, aposentada, pensionista, ter renda de aluguel, na região Norte, aumentam a chance da mulher ser empreendedora em 1,4%, 0,7%, 3,2% e 14,25% respectivamente. Isso corrobora para afirmar que ter uma fonte de renda auxilia na decisão de empreender na região Norte, assim como evidenciado Blanchflower e Oswald (1998).



TABELA 4 - Condicionantes do empreendedorismo feminino para região Norte

Variáveis	Probit Modelo 3	
	Coefficiente	Efeito Marginal
Raça	0.0385 (0.0435)	0.0116 (0.0131)
Idade	0.0261** (0.0102)	0.0078** (0.0031)
Idade2	0.0000 (0.0001)	0.0000 (0.0000)
Fund1	0.0486 (0.0801)	0.0146 (0.0241)
Fund2	0.0818 (0.0586)	0.0246 (0.0176)
Médio	0.0518 (0.0612)	0.0156 (0.0184)
Superior	-0.2064*** (0.0524)	-0.0621*** (0.0158)
Estado Civil	0.0817 (0.0767)	0.0246 (0.0231)
Chefe	0.0906** (0.0437)	0.0272** (0.0131)
Nº Filhos	0.0187 (0.0202)	0.0056 (0.0061)
Pensionista	0.4429*** (0.1686)	0.1332*** (0.0506)
Aposentado	0.1484 (0.1740)	0.0446 (0.0524)
Renda outro	0.0382 (0.0575)	0.0115 (0.0173)
Renda Aluguel	0.5209*** (0.1954)	0.1567*** (0.0587)
Urbana	-0.3016*** (0.0892)	-0.0907*** (0.0267)
Metrópole	0.0557 (0.0500)	0.0168 (0.0150)
Constante	-1.4911*** (0.2026)	
Observações	5,767	5,767
Log-verossimilhança	-3061,768	
Teste de Wald	$\chi^2 = 491,493$	
Classificação preditiva	74,79%	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015. OBS: Os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. \*parâmetros significativos à 10%; \*\*parâmetros significativos à 5%; \*\*\*parâmetros significativos à 1%.

Na região Norte a localização influencia na decisão sobre ter negócio próprio para a mulher, de forma que residir em área urbana reduz a chance de a mulher empreender em 1,5%, de acordo com a literatura já citada anteriormente.



Na sequência, a Tabela 5 apresenta as informações sobre os determinantes do empreendedorismo para a região Nordeste. Após a Tabela seguem os comentários e comparações com relação à região Nordeste.

TABELA 5 - Condicionantes do empreendedorismo feminino para região Nordeste

Variáveis	Probit Modelo 4	
	Coefficiente	Efeito Marginal
Raça	0.0137 (0.0341)	0.0038 (0.0095)
Idade	0.0304*** (0.0080)	0.0085*** (0.0022)
Idade2	0.0000 (0.0001)	0.0000 (0.0000)
Fund1	-0.1340** (0.0625)	-0.0373** (0.0174)
Fund2	0.0250 (0.0477)	0.0070 (0.0133)
Médio	0.1095** (0.0463)	0.0305** (0.0129)
Superior	-0.1993*** (0.0388)	-0.0555*** (0.0108)
Estado Civil	-0.0417 (0.0623)	-0.0116 (0.0173)
Chefe	-0.0228 (0.0322)	-0.0063 (0.0090)
Nº Filhos	0.0639*** (0.0165)	0.0178*** (0.0046)
Pensionista	0.2496** (0.1037)	0.0695** (0.0289)
Aposentado	0.1616 (0.1033)	0.0450 (0.0288)
Renda outro	-0.0148 (0.0462)	-0.0041 (0.0129)
Renda aluguel	0.4847*** (0.1406)	0.1350*** (0.0391)
Urbana	-0.0675 (0.0633)	-0.0188 (0.0176)
Metrópole	-0.1499*** (0.0317)	-0.0417*** (0.0090)
Constante	-1.8535*** (0.1641)	
Observações	10,897	10,897
Log-verossimilhança	-5344,159	
Teste de Wald	$\chi^2 = 882,209$	
Classificação preditiva	78,28%	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015. OBS: Os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. \*parâmetros significativos à 10%; \*\*parâmetros significativos à 5%; \*\*\*parâmetros significativos à 1%.



Na região Nordeste ter a cor branca aumenta a chance de a mulher ter o próprio negócio em 0,38%, o que está de acordo com o proposto por Borjas e Bronars (1989) e Clark e Drinkwater (1998). Além disso, um ano a mais de idade aumenta a chance de a mulher ser empreendedora em 0,85%, de acordo com Parker (2009), por fim a idade ao quadrado apresenta sinal negativo, o que implica que a idade aumenta a chance até certo ponto e depois reduz a chance de a mulher empreender. Estes resultados não apresentam diferenças significantes entre as regiões brasileiras.

Em relação ao capital humano, tem-se que na região Nordeste ter ensino fundamental incompleto diminui a chance de a mulher ter um negócio próprio em 3,7%. Assim como, ter cursado ensino médio também aumenta a chance, em 3,05%. No entanto, ter curso superior reduz a chance de a mulher ser empreendedora em 5,5%. O que permite concluir que a educação corrobora para a decisão ocupacional de ser empreendedora de mulheres com ensino fundamental completo e ensino médio, porém mulheres com ensino superior podem optar por um emprego na região Nordeste. Esse resultado corrobora com Blanchflower (2000), Tay (1996) e Taylor (1996), de modo que a educação se mostra relevante na opção de se tornar empreendedor, no entanto para altos níveis de estudo tem-se que os indivíduos optem por trabalhos assalariados, em função dos custos de oportunidade e riscos envolvidos. Já possuir o ensino fundamental completo aumenta a chance de a mulher empreender em 0,7% porém, esse resultado não foi significativo estatisticamente.

Ser chefe da família diminui a chance de ser empreendedora em 0,6%. O que coincide com o encontrado para as regiões Sudeste e Sul. Ter uma fonte de renda também pode aumentar a chance de a mulher ter o próprio no Nordeste, assim como ser pensionista, aposentado ou ter renda de aluguel aumentam a chance de a mulher empreender em 6,9%, 4,5% e 13,5%, respectivamente.

Residir na área urbana diminui a sua probabilidade em ter um negócio próprio em 1,9% na região Nordeste do Brasil, o que está de acordo com o abordado por Menezes et al. (2015). Além disso, indivíduos que residem em região metropolitana tem sua chance reduzida em 4,1% se comparado aos que residem em áreas não metropolitanas do Nordeste, combinando com os resultados obtidos por Menezes et al. (2015) para o Brasil.

Por fim, a Tabela 6, apresenta as informações com relação ao determinante do empreendedorismo na região Centro-Oeste. Seguidos dos comentários.





TABELA 6 - Condicionantes do empreendedorismo feminino para região Centro-Oeste.

Variáveis	Probit Modelo 5	
	Coefficiente	Efeito Marginal
Raça	0.1278*** (0.0401)	0.0342*** (0.0107)
Idade	0.0516*** (0.0099)	0.0138*** (0.0027)
Idade2	-0.0002* (0.0001)	-0.0001* (0.0000)
Fund1	-0.2505*** (0.0819)	-0.0670*** (0.0219)
Fund2	-0.2704*** (0.0649)	-0.0724*** (0.0173)
Médio	0.0090 (0.0626)	0.0024 (0.0167)
Superior	0.0633 (0.0493)	0.0169 (0.0132)
Estado civil	-0.1003 (0.0868)	-0.0268 (0.0232)
Chefe	-0.0350 (0.0451)	-0.0094 (0.0121)
Nº Filhos	0.0719*** (0.0215)	0.0192*** (0.0058)
Pensionista	0.2892** (0.1258)	0.0774** (0.0336)
Aposentado	0.2387 (0.1453)	0.0639 (0.0389)
Renda outro	-0.0086 (0.0783)	-0.0023 (0.0210)
Renda Aluguel	0.4705*** (0.1442)	0.1259*** (0.0386)
Urbana	0.0839 (0.0980)	0.0225 (0.0263)
Metrópole	-0.1712*** (0.0476)	-0.0458*** (0.0128)
Constante	-2.5677*** (0.2098)	
Observações	5,829	5,829
Log-verossimilhança	-2768,307	
Teste de Wald	$\chi^2 = 512,657$	
Classificação preditiva	78,92%	

Fonte: Elaborado pelos autores a partir da PNAD 2015. OBS: Os desvios-padrões são robustos à heterocedasticidade. \*parâmetros significativos à 10%; \*\*parâmetros significativos à 5%; \*\*\*parâmetros significativos à 1%.

Os resultados mostram que, na região Centro-Oeste, as mulheres da cor branca possuem maior chance de se tornarem empreendedoras 3,4%. A idade



também aumenta a probabilidade de a mulher empreender 1,4% e a idade ao quadrado indica que isso ocorre até certo ponto, após a chance se reduz. Portanto, estes resultados estão conforme a literatura já citada anteriormente para as demais regiões.

Com relação ao capital humano, constata-se que a educação tem efeito negativo na chance das mulheres residentes da região Centro-Oeste se tornarem empreendedoras, tanto no ensino fundamental incompleto como no completo 6,7% e 7,2%, respectivamente. No entanto aquelas que possuem ensino médio e superior não seguem essa relação, tendo em vista que para estas aumentam a chance de se tornarem empreendedoras em 0,2% e 1,7%, respectivamente, apesar do efeito ser positivo, o mesmo não foi significativo. Isto corrobora com os estudos de Blanchflower (2000), Tay (1996) e Taylor (1996).

Ser chefe de família diminui a chance de a mulher empreender, na região Centro-Oeste, em 0,9%, diferente do proposto por Lindh e Ohlsson (1996). Assim como o número de filhos aumenta a chance em 1,9% com relação a cada filho, este efeito pode estar captando o aumento do empreendedorismo por necessidade.

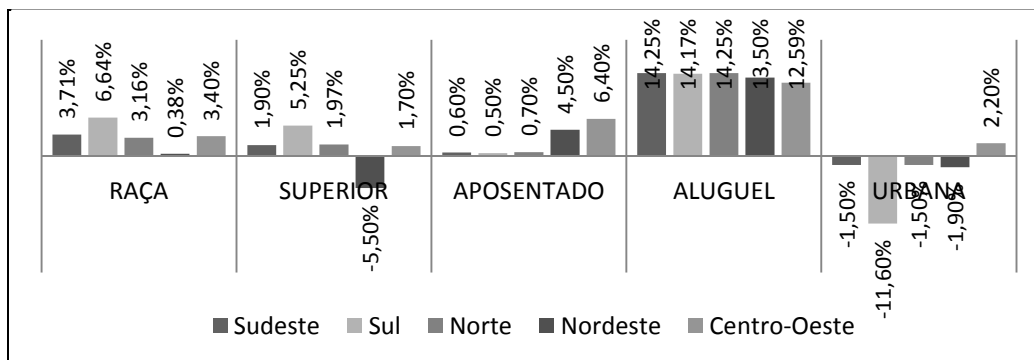
A respeito de ser aposentada na região Centro-Oeste, aumenta a chance de mulher empreender em 6,4%, além disso ter renda de aluguel também aumenta essa chance em 12,59%. O que permite inferir que ter capital contribuiu para a abertura de negócios próprios, assim como proposto por Blanchflower e Oswald (1998).

Mulheres que residem na área urbana da região Centro-Oeste possuem maior chance de se tornarem empreendedoras, com relação aos residentes da área rural, 2,2%, este resultado diverge do encontrado por Menezes et al. (2015) para o Brasil. Além disso, indivíduos que residem em região metropolitana tem 4,5% chance a mais de se tornar empreendedoras, com relação àqueles que não residem em região metropolitana.

Por fim, segue o gráfico 2 com os principais resultados obtidos. Onde temos as condicionantes do empreendedorismo feminino, estatisticamente significativas para as regiões.



Gráfico 2 – Probabilidades por região



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

A partir do gráfico 2, nota-se em relação à raça, há uma diferença significativa na região Sul, onde ser branco aumenta a chance em 6,64%, nas demais regiões a chance cresce entre 0,83% e 3,71%. Estes resultados estão de acordo com os encontrados por Camargo Neto et al. (2016), que destacam a região Sul do Brasil os indivíduos brancos com mais chances de serem empreendedores.

Com relação da educação, tem-se que possuir ensino superior na região Sul apresentou aumento relevante de 5,25% na chance de ser mulher e empreendedora. Em contraponto, na região Nordeste, possuir ensino superior reduz a chance de ser empreendedor.

A aposentadoria apresentou diferentes resultados para as regiões, sendo que ser aposentado na região Centro-Oeste aumenta a chance de a mulher ser empreendedora em 6,4%, assim como nas regiões Nordeste aumenta a chance em 4,5%. Nas outras regiões as chances aumentam entre 0,50% e 0,70%.

Possuir renda de aluguel garante um aumento na chance de a mulher se tornar empreendedora, dessa forma, na região Sudeste ter uma renda de aluguel aumenta a chance de se tornar empreendedora em 14,25% assim como na região Nordeste. Nas regiões Sul, Norte, Centro-Oeste as chances aumentam em 14,17%, 13,50%, 12,59%. O que implica que nas regiões Nordeste e Sudeste a renda de aluguel tem maior importância na decisão de a mulher se tornar empreendedora, se comparado às demais regiões.

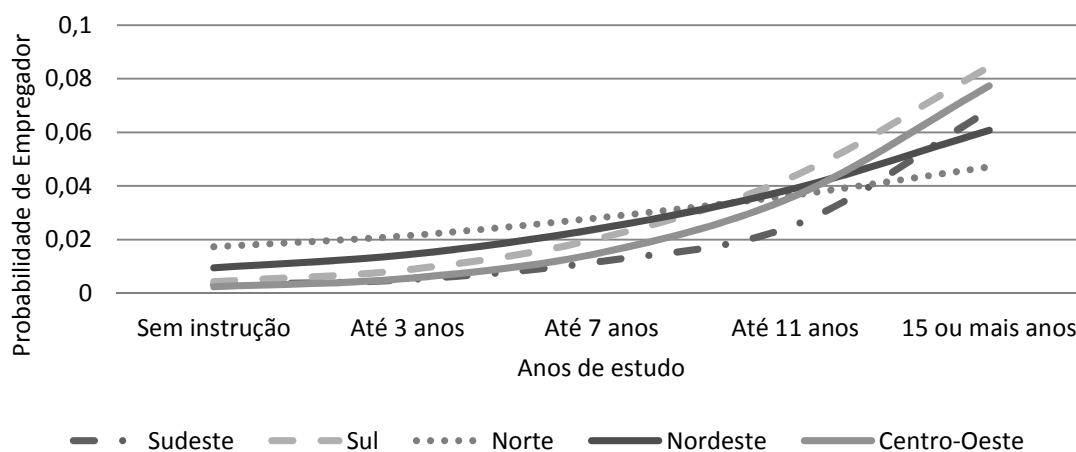
Com relação ao aspecto regional, tem-se que residir em área urbana reduz a chance de um indivíduo ser empreendedor em 11,6% para a região Sul, 1,0% para a região Nordeste e 1,5% para a região Norte e Sudeste. Em contraponto, na região Centro-Oeste a chance aumenta em 2,2%.



A educação tem um papel de extrema importância no contexto acerca da formação de empreendedores, principalmente quando se traz o tema para o cenário regional. De modo que, é possível notar que há presença de heterogeneidade na relação entre mais anos de estudo e o aumento na chance de a mulher tornar-se empreendedora, entre as regiões brasileiras. Tomando esse fato como pressuposto, calcula-se os efeitos marginais dos acréscimos em educação sobre a probabilidade de empreender. Os resultados são apresentados nos gráficos 3 e 4 abaixo.

Nota-se, a partir do gráfico 3, que existe uma relação positiva entre anos de estudo e a probabilidade da mulher tornar-se empregadora, em todas as regiões do Brasil. No entanto, a educação tem um maior impacto na probabilidade de se tornar empregadora na região Sul, em relação às demais regiões brasileiras. As regiões Norte e Nordeste obtiveram menores impactos da educação na probabilidade das mulheres tornarem-se empregadoras, em comparação com as outras regiões.

Gráfico 3 – Probabilidade de ser empregador em função do acréscimo dos anos de estudo

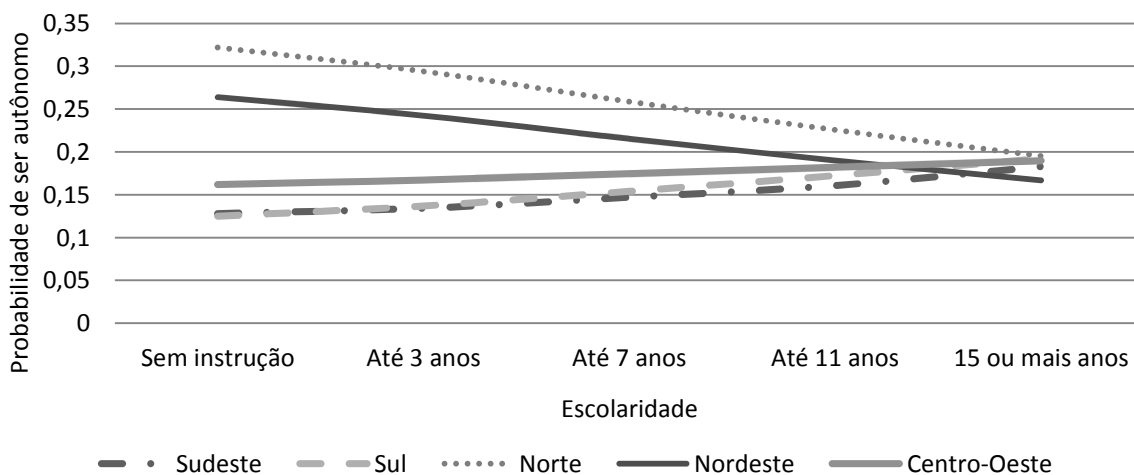


Fonte: Elaborado pelos autores, a partir dos dados da PNAD 2015.

Em relação ao gráfico 4, percebe-se que a probabilidade de a mulher se tornar autônoma tende a diminuir com o acréscimo de anos de estudo. Entretanto, cabe salientar que na região Norte o impacto da educação reduz a probabilidade em maior magnitude do que nas outras regiões, corroborando com a ideia de empreendedorismo por necessidade.



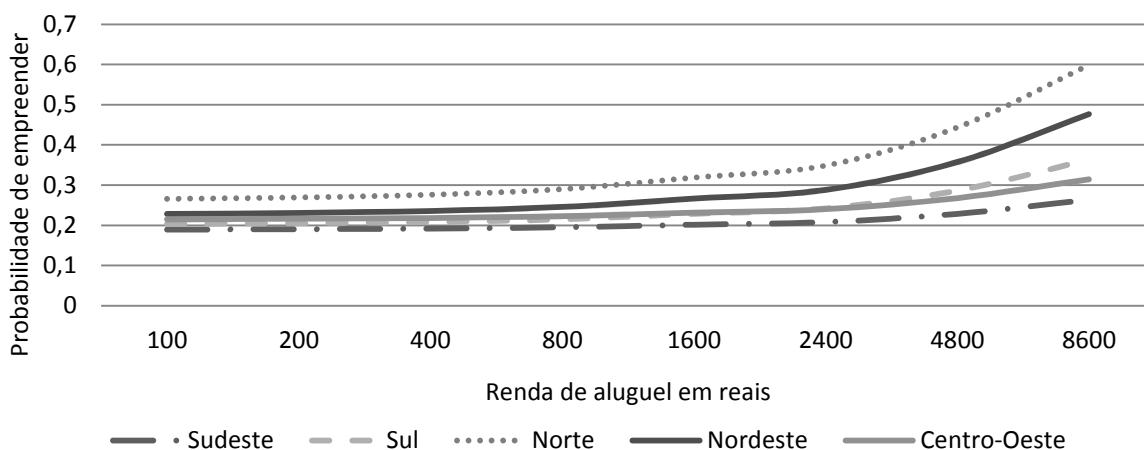
Gráfico 4 – Probabilidades de ser autônoma em função do acréscimo de anos de estudo



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

A renda também tem papel fundamental na decisão da mulher se tornar empreendedora, de modo que há uma relação positiva entre a renda obtida através de alugueis e a probabilidade a mulher empreender. Esse fato está de acordo com o proposto por Blanchflower e Oswald (1998), como se pode observar através do gráfico 5, abaixo.

Gráfico 5 – Probabilidades de ser empreendedor em função da renda recebida em aluguel



Fonte: Elaborado pelos autores, a partir da PNAD 2015.

As regiões Norte, Nordeste e Sul apresentam as maiores probabilidades de uma mulher ser empreendedora em função de um aumento da renda proveniente de





aluguel.

## Considerações Finais

Este trabalho buscou analisar quais são os fatores determinantes que levam as mulheres a fazer a escolha de se tornar ou não empreendedoras para nas cinco regiões brasileiras a partir dos dados da PNAD de 2015. Dentro desta abordagem, faz-se uma análise comparativa entre as regiões, dado que Tamvada (2007) destaca sobre a importância da localização espacial e que esta pode desempenhar um papel fundamental na escolha ocupacional das mulheres. Desta forma, pode-se notar que características socioeconômicas como raça, idade, educação, renda de aluguel, ser aposentado e localização da moradia em área urbana apresentam diferentes parâmetros sobre a decisão ocupacional feminina em cada região brasileira, conforme exibe o gráfico 2 acima.

O modelo empírico utilizado para a formulação deste perfil baseou-se nos trabalhos sobre o tema, que utilizaram a metodologia de variáveis dependentes binárias com o modelo *probit*. De acordo com a literatura da economia do empreendedorismo (PARKER, 2009).

Na metodologia foi utilizada uma proxy de empreendedora, caracterizado aqui por pessoas entre 15 e 90 anos, tem-se dois eventos possíveis: o primeiro onde a mulher é uma empreendedora e a variável assume valor 1 e, o segundo, onde não é uma empreendedora e ela assume valor 0. As variáveis foram selecionadas com base na teoria microeconômica e na literatura sobre empreendedorismo feminino, e foram tratadas para que o perfil pudesse ser constituído através da comparação entre categorias de referência.

A idade como fator condicionante do empreendedorismo feminino tem variação pequena de uma região para outra. Na região Centro-Oeste, cada ano a mais de idade aumenta a chance de a mulher ser empreendedora em 1,4%, na região Sul aumenta 1,2%. Nas regiões Norte, Sudeste e Nordeste 0,95%, 0,9% e 0,85%, respectivamente. Pode-se dizer que nas regiões Norte, Sudeste e Nordeste a idade como determinante do empreendedorismo feminino tem efeito menor do que nas demais regiões. Dessa forma, constata-se que esses resultados coincidem o relatório do *Global*



*Entrepreneurship Monitor* (GEM) de 2014, que a idade é um fator determinante do empreendedorismo em cada região brasileira.

As mulheres que possuem ensino superior apresentam maiores chances de serem empreendedoras em comparação àqueles sem instrução. Para uma pessoa da região Sul, ter ensino superior aumenta a chance de ser empreendedora em 5,25%. Na região Norte, Sudeste e Centro-Oeste a chance aumenta em 1,97%, 1,9%, e 1,7%, respectivamente. A única ressalva é para a região nordeste, onde possuir ensino superior implica em chance menor de a mulher empreender em 5,5%. O que implica que a educação tem maior relevância na determinação da escolha ocupacional na região Sul do que nas demais regiões.

Com relação à renda proveniente de aluguel, tem-se que em ambas as regiões aumenta a chance de a mulher empreender, esse fato corrobora com a proposição de que a renda pode favorecer a decisão de empreender. Mulheres que residem em áreas urbanas têm sua chance reduzida de se tornar empreendedoras nas regiões Sudeste, Sul, Norte e Nordeste. No entanto, para a região Centro-Oeste residir em área urbana aumenta a chance de ser empreendedora.

Em uma última análise, através do gráfico 3, chegou-se à conclusão de que a educação aumenta a chance da mulher se tornar empregadora em ambas as regiões, em contrapartida, mais anos de estudo reduz a probabilidade das mulheres tornarem-se autônomas. Além disso, a renda de aluguel também aumenta a probabilidade de empreender em todas as regiões.

Por fim, destaca-se que as regiões brasileiras apresentam impactos diferentes com relação às variáveis socioeconômicas e geográficas sobre o determinante do empreendedorismo feminino, e que resultados obtidos estão de acordo com a literatura sobre o tema. Além disso, deixa-se como proposta de trabalhos futuros a estimação das equações de rendimento relacionado ao empreendedorismo feminino com a correção do viés de seleção através do método de Heckman. As quais podem explicar a escolha pela ocupação empreendedora em função dos ganhos, em comparação ao trabalho assalariado.

## REFERÊNCIAS

ACS, Z. J.; BOSMA, N.; STERNBERG, R. **The entrepreneurial advantage of world cities: evidence from global entrepreneurship monitor data.** [s.l.] Jena economic



research papers, 2008. Disponível em: <<http://www.econstor.eu/handle/10419/31775>>. Acesso em: 1 fevereiro 2017.

ALLEN, S & TRUMAN, C (Editors) **Women in business - perspectives on women entrepreneurs**. London: Routledge, 1993.

BATTISTI, I. D. E. **Análise de dados epidemiológicos incorporando planos amostrais complexos**. Tese - Porto Alegre: UFRGS, 2008.

BEYDA, T. T., & Casado, R. U. (2011). Relações de trabalho do mundo corporativo: possível antecedente do empreendedorismo? **Cadernos Ebape**, 9(4), 1066-1084.

Binder DA 1983. On the variances of asymptotically normal estimators from complex surveys. **International Statistical Review** 51:279-292.

BLANCHFLOWER, D. G. Self-employment in OECD countries. **Labour economics**, v. 7, n. 5, p. 471–505, 2000.

BLANCHFLOWER, D. G.; OSWALD, A. J. What Makes an Entrepreneur? **Journal of Labor Economics**, 1998.

BORJAS, G. J.; BRONARS, S. Consumer discrimination and self-employment. **The Journal of political economy**, 1989.

BUERA, F. J. A Dynamic Model of Entrepreneurship with Borrowing Constraints (Job Market Paper). 2003.

**BUERA, F. J. Persistency of poverty, financial frictions, and entrepreneurship. Manuscript, Northwestern University, 2008.**

CAMARGO NETO, R. P.; MENEZES, G. R.; QUEIROZ, V. S. Condicionantes do Empreendedorismo no Brasil: uma abordagem regional. In: XIV ENABER, 2016, Aracaju. **Anais... XIV ENABER**, 2016.

**CLARK, K.; DRINKWATER, S. Ethnicity and Self-Employment in Britain**. Oxford Bulletin of Economics and Statistics, v. 60, n. 3, p. 383–407, Agosto 1998.

**DROUIN, J. Os Grandes Economistas. São Paulo: M. Fontes, 2008.**

Du Reitz, A., & Henrekson, M. (2000). Testing the female underperformance hypothesis. **Small Business Economics**, 14(1), 1-10.

EVERS, Hand-Dieter. Towards a Malaysian Knowledge Society. In: International Malaysian Studies Conference, 3., 2001, Bangi. **Proceedings...** Bangi: Universiti Kebangsaan Malaysia, 2001. p. 1-23.

Fernandez, D., Scotto, M., & Fischer, B. (2014). Entreprendre en France? Les motivations des femmes. **Working Paper Series**, 2014-211, IPAG Business School, Paris, France. Retrieved February 8, 2015, from <http://www.ipag.fr/fr/accueil/la-recherche/publications-WP.html>.



GLOBAL ENTREPRENEURSHIP MONITOR (GEM) (2001) Empreendedorismo no Brasil, edição em português, Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade no Paraná (IBQP-PR), 2001.

Gray, K. R., & Finley-Hervey, J. (2005). Women and entrepreneurship in Morocco: debunking stereotypes and discerning strategies. **International Entrepreneurship and Management Journal**, 1(2), 203-217.

Greene, P., Hart, M., Gatewood, E., Brush, C., & Carter, N. (2003). **Women entrepreneurs: moving front and center: an overview of research and Theory**.

GREENE, William. H. **Econometric analysis**. 5.ed. New Jersey: Prentice Hall, 2003.

Gujarati, Damodar N., e Dawn C. Porter. **Econometria Básica**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

Hermans, J., Vanderstraeten, J., Dejardin, M., Ramdani, D., Stam, E., & Van Witteloostuijn, A. (2012). **Ambitious entrepreneurship: antecedents and consequences**. Research paper 2012-2023. Antwerp: University of Antwerp, Faculty of Applied Economics.

LAGES, Sonia R. C. **Desafios do empreendedorismo feminino: uma reflexão sobre as dificuldades das mulheres pobres na condução de projetos geradores de renda**. Estão Científica, 2005.

LINDH, T.; OHLSSON, H. Self-Employment and Windfall Gains: Evidence from the Swedish Lottery. **The Economic Journal**, v. 106, n. 439, p. 1515–1526, 1996.

Halkias, P. W. Thurman, C. Smith & R. S. Nason. **Father-Daughter Succession in Family Business A Cross-Cultural Perspective**. Farnham: Gower Publishing Ltda.

Mathew, V. (2010). Women entrepreneurship in Middle East: understanding barriers and use of ICT for entrepreneurship development. **International Entrepreneurship and Management Journal**, 6(2), 163-181.

MENEZES, G.; DOS SANTOS QUEIROZ, V.; FEIJO, F. T. Determinantes do Empreendedorismo no Brasil: uma análise da escolha ocupacional e dos rendimentos. **ENABER**, 2015.

Morris, M., Miyasaki, N., Watters, C. E., & Coobmes, S. (2006). The dilemma of growth: understanding venture size choices of women entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**, 44(2), 221-244.

Morris, M., Miyasaki, N., Watters, C. E., & Coobmes, S. (2006). The dilemma of growth: understanding venture size choices of women entrepreneurs. **Journal of Small Business Management**, 44(2), 221-244.

Naser, K., Nuseibeh, R., & Al-Hussaini, A. (2012). Personal and external factors effect on women entrepreneurs: evidence from Kuwait. **Journal of Developmental Entrepreneurship**, 17(2), 1-23.



OECD . **Les femmes entrepreneurs à la tête de PME: pour une participation dynamique à la mondialisation et à l'économie fondée sur le savoir.** 29-3- nov. Paris, 2000.

OECD. **Proceedings of Women Entrepreneurs in Small and Medium Enterprises.** Paris:OECD, 1998.

OIT – Organisation Internationale du Travail. Programme des activités sectorielles. **La promotion des femmes aux postes de direction.** Genève : Bureau International du Travail, 1997.

PARKER, S. C. **The economics of entrepreneurship.** Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2009.

Pessoa D.G.C. 2002. ADAC: Biblioteca de Funções em R para a Análise de Dados Amostrais Complexos. 15 o Simpósio Nacional de Probabilidade e Estatística. Associação Brasileira de Estatística, São Paulo.

Rodriguez, M. J. S., & Javier, F. (2009). Women nascent entrepreneurs and social capital in the process of firm creation. **International Entrepreneurship Management**, 5(1), 45-64.

Roper, S. and Scott, J. M. (2009) 'Perceived financial barriers and the start-up decision: An econometric analysis of gender differences using GEM data', **International Small Business Journal**, 27 (2), pp.149-171.

Shragg, P., Yacuk, L., & Glass, A. (1992). Study of barriers facing Albertan women in business. **Journal of Small Business and Entrepreneurship**, 9(4), 40-49.

SLUIS, J. VAN DER; PRAAG, M. VAN; VIJVERBERG, W. Entrepreneurship Selection and Performance: A Meta Analysis of the Impact of Education in Developing Economies. **The World Bank Economic Review**, v. 19, n. 2, p. 225–261, 1 jan. 2005.

TAMVADA, V. J. P. **Entrepreneurship and Economic Development.** Essays on Entrepreneurship and Economic Development—New Delhi: der Universität Göttingen, 2007.

TAY, R. S. **Degree of entrepreneurship: an econometric analysis using the ordinal probit model.** [s.l.] Lincoln University. Commerce Division., 1996.

TAYLOR, M. P. EARNINGS, INDEPENDENCE OR UNEMPLOYMENT: WHY BECOME SELF-EMPLOYED? **Oxford Bulletin of Economics and Statistics**, v. 58, n. 2, p. 253–266, 1 maio 1996.

Vale, G. M. V., Correia, V. S., & Reis, R. F. (2014). Motivações para o empreendedorismo: necessidade *versus* oportunidade? **Revista de Administração Contemporânea, RAC**, 18(3) 311-327.





Welter, F., & Smallbone, D. (2008). Women's entrepreneurship from an institutional perspective: the case of Uzbekistan. **International Entrepreneurship Management Journal**, 4(4), 505-520.

Winn, J. (2005). Women entrepreneurs: can we remove the barriers? **International Entrepreneurship and Management Journal**, 1(3), 381-397.

WOOLDRIDGE, J. M. **Introdução à econometria: uma abordagem moderna**. Pioneira Thomson Learning, 2006.

Zanakis, S. H., Renko, M., & Bullough, A. (2012). Nascent Entrepreneurs and the transition to entrepreneurship: Why do people start new businesses? **Journal of Developmental Entrepreneurship**, 17(1), 1-25.

## ANEXO – Descrição das variáveis e estatísticas descritivas

TABELA 7 - Estatísticas descritivas para variáveis independentes

Variável	Descrição	Obs.	Média	Desvio-Padrão	Mín.	Máx.
Raça	1: branco; 0: outros	48.714	0,466601	0,4988884	0	1
Idade	Idade em anos	48.714	37,86176	12,15336	15	90
Idade2	Idade ao quadrado	48.714	1581,214	991,7362	225	8100
Fund1	De 1 a 4 anos de estudo	48.714	0,0588537	0,2353531	0	1
Fund2	De 5 a 8 anos de estudo	48.714	0,1456665	0,3527752	0	1
Médio	De 9 a 11 anos de estudo	48.714	0,1543088	0,3612482	0	1
Superior	12 anos ou mais	48.714	0,2746438	0,4463392	0	1
Estado Civil	1:casado; 0: caso contrário	48.714	0,0455105	0,2084232	0	1
Chefe	1: pessoa de referência	48.714	0,378228	0,4849499	0	1
Nº filhos	Número de filhos	48.714	0,9709734	1,054865	0	12
Urbana	1: se reside em área urb	48.714	0,9454161	0,2271686	0	1
Metrópole	1: se reside em área metrop	48.714	0,4560291	0,4980679	0	1
Pensionista	1: se é pensionista	48.714	0,0212875	0,1443426	0	1
Aposentado	1: se é aposentado	48.714	0,0285544	0,1665522	0	1
Renda outro Renda	1: se tem outras rendas	48.714	0,0923349	0,289501	0	1
aluguel	1: se tem renda de aluguel	48.714	0,0085396	0,0920157	0	1

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados da PNAD 2015.